

A SENSIBILIZAÇÃO PSICOLÓGICA DE PAIS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES CONSIDERADOS INDISCIPLINADOS

Ana Kilvia Cavalcante¹
Daniela do Carmo Kabengele²

Psicologia



ISSN IMPRESSO 2317-1693
ISSN ELETRÔNICO 2316-672X

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo ressaltar a importância da sensibilização dos pais de crianças que são consideradas indisciplinadas em casa, na escola ou em outros ambientes de convívio social. A forma como os pais educam seus filhos é crucial ao desenvolvimento de seus comportamentos. A sensibilização, nesse caso, pode ser entendida como uma contribuição profissional, de caráter psicológico, que pode levar os pais a entender e conhecer melhor seus filhos para orientá-los, de forma consciente e justa. Estudos têm mostrado que a intervenção do profissional da psicologia com os pais traz à luz o desejo de alguns por instruções e conhecimentos para ajudar seus filhos a se adaptarem melhor à vida em sociedade. Assim, este estudo é orientado pelo interesse sociopsicológico em enveredar pelo universo intrínseco dos sujeitos, integrando-os nos contextos sociais em que estão envolvidos.

PALAVRAS-CHAVES

Pais; filhos; famílias desestruturadas; atuação psicológica.

ABSTRACT

This research aims to highlight the importance of awareness among parents of children who are considered undisciplined at home, at school and in other environments for social interaction. The way parents raise their children is crucial to the development of their behaviors. Awareness, in this case, can be understood as a professional contribution of psychological character, which may lead parents to understand and know their children to better guide them consciously. Studies have shown that the intervention of professional psychology with parents brings to light some of the desire for instruction and knowledge to help their children adapt better to life in society. Thus, this study is guided by socio-psychological interest in embarking on the intrinsic universe of persons, integrating them into the social contexts in which they are involved.

KEYWORDS

Parents. Children. Dysfunctional Families. Psychological Performance.

1 INTRODUÇÃO

O menino é o pai do homem.

Machado de Assis

(Memórias póstumas de Brás cubas, [1881] 1986).

Qual a relevância de considerar-se a *família*, em particular, na análise do comportamento de crianças e jovens com dificuldade de conduta social? O que a família tem a ver com os comportamentos inadaptados de seus infantes? Como o psicólogo deve lidar com esse quadro? Este artigo tem por objetivo problematizar a contribuição psicológica a pais de crianças e jovens que são considerados inadaptados em casa, na escola e em outros ambientes de convívio social. Para tanto, faz-se necessário compreender o modelo estrutural-estruturante de família em voga e o modo como os pais educam os filhos. Assim como há diferentes modelos de família (nuclear ou biparental, monoparental, homoafetiva, extensa ou ramificada, associativa, adotiva, ampliada, recomposta), de diferentes maneiras os comportamentos das crianças e jovens podem apresentar-se como inadequados. Alguns o são pelo que concentram de agressividade. Outros, pelo que refletem de apatias. Em uma perspectiva ampla, os transtornos são conceituados como internalizantes e externalizantes.

O foco deste texto está no trabalho de sensibilização realizado pelos psicólogos junto aos pais de famílias biparentais e nos comportamentos infantis em que incidem ambos os tipos de transtornos, como o transtorno de conduta. Desse modo, vale a pena identificar alguns traços familiares que influenciam os comportamentos das crianças e jovens; observar práticas educativas que escapam aos controles ape-

nas punitivos; e, especialmente, ressaltar a comunicação enquanto posicionamento aberto e responsável (de ambos os lados), permitindo aos sujeitos relações interpessoais e sociais mais equilibradas e saudáveis, justificando, assim, o posicionamento acadêmico e intelectual do artigo em aprofundar o entendimento acerca do tema.

Evidentemente, neste trabalho, a expressão “pais” refere-se tanto a pais como a mães no exercício da complexa responsabilidade de educar seus filhos, sejam crianças ou adolescentes na idade escolar. Segundo a legislação brasileira, considera-se criança todo indivíduo de até 12 (doze) anos de idade incompletos e jovem ou adolescente aqueles que têm entre 12 (doze) e 18 (dezoito) anos de idade incompletos.

A perspectiva metodológica adotada é constituída a partir de uma revisão bibliográfica em fontes primárias e secundárias. O texto apresenta quatro eixos. A princípio, foram abordadas as características de famílias desestruturadas que podem originar o comportamento deficiente em suas crianças; em seguida, foram classificadas crianças e jovens e aspectos de seu comportamento; citamos também, algumas particularidades do transtorno de conduta, o qual é exclusivo em crianças e adolescentes; e por fim, enfatizamos o porquê de ser importante a intervenção psicológica. Assim, esse estudo é orientado pelo interesse sociopsicológico em enveredar pelo universo intrínseco dos sujeitos, integrando-os nos contextos sociais em que estão envolvidos.

2 A FAMÍLIA DESESTRUTURADA E SUAS CONSEQUÊNCIAS

A instituição familiar é muitas vezes designada como o primeiro grupo social do qual o indivíduo faz parte, sendo vista, portanto, como a célula inicial e principal da sociedade na maior parte do mundo – ou ainda como a unidade básica da interação social e como o núcleo central da organização humana (PRATTA e SANTOS, 2007).

A família corresponde a um grupo social que exerce marcada influência sobre a vida das pessoas; costuma ser encarada como um grupo com uma organização complexa, inserido em um contexto social mais amplo, no qual mantém constante interação (PRATTA e SANTOS, 2007). Famílias atuam em meio a uma série de ciclos ou processos que estão, a todo tempo, construindo e dissolvendo relações sociais na vida cotidiana (SILVEIRA, 2006). Em outras palavras, é pela interação entre membros da família e seus mais complicados modificadores que se estabelecem as relações convenientes à sociedade ou própria dela, como as relações entre pais e filhos.

A forma como os pais educam seus filhos é crucial à promoção de comportamentos considerados socialmente adequados ou de comportamentos considerados socialmente inadequados pelos pais e/ou docentes. Comportamentos inadequados podem ser entendidos como déficits ou excedentes comportamentais que prejudicam a interação da criança com seus pares e adultos de sua convivência (FERREIRA e MARTURANO, 2002).

Um fator de risco significativo para o desenvolvimento de comportamentos que não se adequam aos modelos estabelecidos pela sociedade está relacionado à exposição de comportamentos agressivos, que são reforçados durante as experiências sociais iniciais, isto é, nos primeiros anos de vida da criança. Determinadas variáveis, como ambientes familiares psicologicamente despreparados, devem ser levadas em consideração.

A literatura tem mostrado que famílias de posturas psicológicas frágeis e sem o conhecimento de como lidar com situações adversas na convivência uns com os outros tendem a apresentar maior índice de crianças com problemas de comportamento, o que se desdobra em consequências crônicas e graves, não apenas para as crianças, mas também para pais, irmãos, professores e a sociedade em geral. O risco de rejeição pelos colegas, os conflitos com a família e com os professores e, principalmente, a propensão a comportamentos socialmente desviantes são alguns exemplos que incidem nessa ordem.

Há de se notar, também, que as famílias que têm crianças com “problemas de comportamento” caracterizam-se por uma maior desorganização, apresentam mais problemas emocionais ou de comunicação e demonstram comportamentos e modelos “indesejáveis” para o desenvolvimento social e cognitivo das crianças (BOLSONI-SILVA, PAIVA e BARBOSA, 2009).

As mudanças de comportamento deflagradas no início da socialização não têm importância apenas para a inteligência e para o pensamento da criança, mas repercutem profundamente, também, na vida afetiva. Desde o período pré-verbal, há um paralelismo entre o desenvolvimento da afetividade e o das funções intelectuais, posto que esses são dois aspectos que não se dissociam de cada ação. “Em toda conduta, as motivações e o dinamismo energético provêm da afetividade, enquanto que as técnicas e o ajustamento dos meios empregados constituem o aspecto cognitivo” (PIAGET, 2006, p. 36). Por isso, faz-se necessário ressaltar a importância dos comportamentos equilibrados dos pais das crianças e a boa relação familiar.

Considerando-se que alguns ambientes familiares apresentam práticas de socialização violentas, exposição a modelos adultos agressivos, falta de afeto materno e conflitos entre os pais, há uma ligação entre práticas educativas e comportamento antissocial, uma vez que as famílias podem inadvertidamente estimular comportamentos por meio de disciplina inconsistente, pouca interação positiva, pouco monitoramento e supervisão insuficiente das atividades da criança (BOLSONI-SILVA, DEL PRETTE e OISHI, 2003).

Subjacente a essa reflexão está à ideia de que por meio de experiências vivencialmente repetidas, a criança aprende a planejar sua atividade, ao mesmo tempo em que requisita a existência de outra pessoa de acordo com as exigências do problema

proposto. “A capacidade que a criança tem de controlar o comportamento de outra pessoa torna-se parte necessária de sua atividade prática” (VIGOTSKI, 2007, p. 19).

Jean Piaget afirma que as crianças veem os pais ou cuidadores como modelos a serem seguidos. Escreve o autor:

Em primeiro lugar, existem os fatos de subordinação e as relações de coação espiritual exercida pelo adulto sobre a criança. Com a linguagem, a criança descobre as riquezas insuspeitas de um mundo de realidade superiores a ela; seus pais e os adultos que a cercam lhe aparecem já como seres grandes e fortes, como fontes de atividades imprevistas e misteriosas. Mas agora esses mesmos seres revelam seus pensamentos e vontades, e esse novo universo começa a se impor com sedução e prestígio incomparáveis. Um “eu ideal”, como disse Baldwin, se propõe ao eu da criança e os exemplos vindos do alto serão modelos que a criança deve procurar copiar ou igualar. São dados ordens e avisos, sendo, como mostrou Bovet, o respeito do pequeno pelo grande que os torna aceitáveis e obrigatórios para as crianças. Mas, mesmo fora destes núcleos de obediência, desenvolve-se toda uma submissão inconsciente, intelectual e afetiva, devida à coação espiritual exercida pelo adulto. (PIAGET, 2006, p. 26).

A literatura consultada salienta que algumas famílias são tão disfuncionais que os pais não conseguem cumprir seu papel de educar os filhos, posto que utilizem meios distorcidos de como educar – alguns são autoritários em excesso, outros são permissivos demais, chegando mesmo a negligenciar a necessidade de monitorar o comportamento do filho. O modelo mais indicado e com os resultados mais positivos do ponto de vista do desenvolvimento da criança é o democrático-recíproco ou competente, em que a disciplina é construída com confiança mútua e as normas são combinadas com a criança, explicadas de forma clara e flexível (PINHEIRO et al., 2006).

Muitos psicólogos/as e educadores/as alertam para perigos quanto ao uso de punições no controle comportamental. Para Burrhus Skinner (1993), a punição agressiva enquanto técnica educativa é questionável, pois em longo prazo traz desvantagens tanto para o indivíduo punido como para o punidor, gerando emoções negativas e predisposições para fugir ou revidar. Murray Sidman (1995) afirma que os pais interagem mais com seus filhos nos momentos de corrigir ou criticar e, conseqüentemente, a família está expondo o modelo coercitivo às suas crianças, que aprendem a utilizá-lo sempre que desejam que os outros façam o que querem.

3 CRIANÇAS E JOVENS E ASPECTOS DE SEUS COMPORTAMENTOS

Estudos desenvolvidos por diversos autores (PATTERSON, REID e DISHION, 1992; RUTTER, GILLER, HAGELL, 1998; SIMONS et al., 2001) mostram que o comportamento com dificuldade de conduta infantil é a evolução de uma característica que se desenvolve bem no começo da vida e, mesmo quando não se mantém na adolescência e na fase adulta, o comportamento de conduta desviante pode ter consequências negativas sobre o desenvolvimento do jovem. Esses autores corroboram no entendimento de que crianças agressivas e opositivas vivem em situação de risco e, por conta dessas situações, podem desenvolver comportamentos delinquentes na adolescência.

Para classificar os tipos de comportamentos atípicos das crianças e adolescentes, há a classificação de Achenbach e Edelbrock (1979), que identificam duas amplas categorias de problemas de comportamentos: os comportamentos externalizantes e os internalizantes, sendo que os externalizantes são aqueles que envolvem impulsividade, agressão, agitação, bem como provocações e brigas; já os internalizantes são percebidos quando há preocupação em excesso, tristeza, timidez, insegurança e medos. Ambos os conjuntos de comportamentos podem trazer dificuldades de interação da criança com seus pares e adultos de sua convivência.

Nessa mesma chave analítica, Helen Bee (2004) propõe que uma melhor maneira de organizar muitos tipos de psicopatologias é dividi-las em duas grandes categorias: problemas que se externalizam (também descritos como distúrbios de conduta), em que o desvio está dirigido para fora, tais como hiperatividade, agressividade ou condutas desafiadoras excessivas, e delinquência; e problemas que se internalizam (também chamados de distúrbios emocionais), tais como depressão, ansiedade ou transtornos de alimentação, em que o desvio é principalmente interno para o indivíduo. Quando, “o comportamento social de uma criança tem um papel essencial na aquisição de gratificação obtida da relação com os colegas e com os adultos, mas também permite que ela assimile os papéis e as normas sociais estabelecidos em diversas situações e contextos, como na escola” (BONET; SORIANO e SOLANO, 2008, p. 80).

Para Piaget (2006, p. 61), a criança pequena traz tudo para si, sem que tenha essa percepção, sentindo-se inferior ao adulto e aos mais velhos que imita. Ela se proporcione uma espécie de mundo à parte, em um escala abaixo da do mundo dos grandes. O adolescente, ao contrário, graças à sua personalidade em formação iguala-se aos mais velhos, mas sentindo-se outro, diferente deles, pela vida nova que o agita – e então quer ultrapassá-los e espantá-los, transformando o mundo.

De acordo com GREENBERG; SPEELTZ e DEKLYEN (1993 apud BEE, 2004, p. 426), as crianças agressivas que têm ataques de cólera e desafiam os pais, provavelmente, também têm apegos inseguros. Para essa autora, quando o desafio aparece, se os pais

não conseguem controlar a criança, seu comportamento se transforma em agressão clara em relação aos outros, que então rejeitam a criança, o que agrava o problema, empurrando a criança agressiva em direção a outras crianças com problemas semelhantes, que passam a constituir o único grupo de companheiros. Quando entram na adolescência, essas crianças apresentam um comportamento antissocial firmemente estabelecido, e é provável que continuem, na idade adulta, com agressão, crime, ou, no mínimo, uma vida caótica.

4 PARTICULARIDADES DO TRANSTORNO DE CONDUTA

O transtorno de conduta se caracteriza por um padrão repetitivo e persistente de conduta antissocial, agressiva ou desafiadora, por no mínimo seis meses, segundo a Classificação Estatística Internacional de Doenças (CID-10). Consiste em uma série de comportamentos que perturbam quem está próximo, com atividades perigosas e até mesmo ilegais por parte de crianças e jovens. É muito confundido com o transtorno de personalidade antissocial; porém, a personalidade não está completa e antes dos dezoito anos não se pode dar o diagnóstico de personalidade patológica para menores.

O comportamento agressivo em excesso de uma criança pode estar relacionado a transtornos disruptivos, como o transtorno de conduta. Segundo Friedberg e McClure, (2004 apud WIELEWICKI, 2011), o transtorno de conduta geralmente inclui um padrão repetitivo e persistente, no qual a criança viola os direitos de outros ou regras e normas sociais apropriadas à idade.

São grandes as possibilidades de jovens com comportamentos desviantes estarem ligados a um ou a alguns transtornos externalizantes. Para Kearney (2012), o transtorno de conduta tem etimologia complexa e entrelaçada, pois muitas variáveis biológicas e psicológicas influenciam o transtorno. É difícil apontá-las em cada caso particular, mas os pesquisadores às vezes inferem que haja uma combinação de predisposições biológicas e fatores ambientais problemáticos. Diversos casos de transtorno de conduta envolvem, provavelmente, uma interação de fatores genéticos e neurológicos com ambiente familiar altamente disfuncional.

5 A IMPORTÂNCIA DA SENSIBILIZAÇÃO PSICOLÓGICA DOS PAIS

Uma intervenção psicológica – e, muitas vezes, multidisciplinar – consiste, geralmente, em tratamento parental/familiar, sociocognitivo, voltado para a escola e colegas, bem como para a comunidade e/ou domicílio dessa família (WOOLFENDEN et al., 2002 apud KEARNEY, 2012, p. 109).

Desde o início da psicologia como ciência, os pais haviam sido considerados como “agentes patológicos” e, por isso, deixados de fora de qualquer tratamento con-

tra a agressividade infantil; atualmente, eles passaram a fazer parte integrante e importante do tratamento (CORDIOLI, 2008).

Dados obtidos em estudos sobre a agressividade infantil podem auxiliar tanto em intervenções para diminuir problemas de comportamento, como também na prevenção do surgimento dessas dificuldades (BOLSONI-SILVA; PAIVA e BARBOSA, 2009).

O reconhecimento de fatores inter-relacionados à agressividade em crianças, somado à dificuldade dos pais para conciliar os problemas cotidianos com a criação de seus filhos, inspiraram a elaboração de programas específicos de intervenção psicológica, com o objetivo de orientar os pais na promoção de um desenvolvimento mais adaptativo das crianças com dificuldades de comportamento (PINHEIRO et al., 2006).

Um ambiente familiar acolhedor prevê um padrão considerado adequado de comunicação entre pais e filhos (pais que ajudam os filhos a identificarem emoções, que os aconselham, com expressividade emocional forte, coerente e que estão dispostos a conversar com eles), o que, por sua vez, auxilia na melhor interação social desses filhos com crianças e jovens de sua idade e na menor probabilidade de apresentarem problemas de comportamento (CIA; PAMPLIM e DEL PRETTE, 2006).

Alguns estudos em psicologia indicam que, quando os pais usam métodos de controle e ordens não punitivos, favorecem a aquisição e internalização de normas, o autoequilíbrio e levam à menor probabilidade de surgimento de comportamentos agressivos. Dessa forma, torna-se imprescindível que os pais alterem suas práticas educativas com o intuito de promoverem repertório socialmente adequado em seus filhos (BOLSONI-SILVA; DEL PRETTE e OISHI, 2003).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurando responder as questões iniciais – e diante da pesquisa na literatura especializada sobre o tema – percebe-se que as possibilidades de intervenção psicológica no contexto social de pais de crianças e jovens com problemas de comportamentos agressivos e/ou mal adaptados são diversas e exigem uma revisão ampliada para que haja sucesso da inter-relação: pais e filhos em tal situação.

Pode-se considerar que, no contexto familiar, com pais de crianças ou jovens que apresentam problemas de comportamento, é fundamental a compreensão de que toda atuação desses pais irá influenciar na mudança de postura, pois o comportamento dos pais diante do comportamento dos filhos e a forma como reagem ou não ensina à criança as consequências de seu comportamento, mesmo que essa não seja a intenção. O papel do psicólogo nessa vertente consiste em conscientizar os

pais sobre sua responsabilidade por legitimar ou rechaçar conhecimentos e valores adquiridos pelas crianças no processo de instruir para a vida, pois exercem importante mediação na relação da criança com o mundo.

Ao deparar-se com filhos agressivos, os pais têm a propensão de agirem de forma também agressiva, com o intuito de revidar os ataques de um inimigo, esquecendo-se de seu papel de ensinar a suas crianças a maneira correta de se relacionar com o mundo e com as pessoas.

Nessa direção, aponta-se a importância do psicólogo, a fim de prover o olhar para a família integralmente, pois se considerando que o comportamento da criança ou jovem agressivo decorre, também, de variáveis decorrentes do ambiente em que vivem, é preciso uma intervenção multiprofissional, que integre além da família, como a escola, os colegas e a comunidade em que estão inseridos. Cabe lembrar que, nessa perspectiva, é importante orientar os pais na promoção de um desenvolvimento saudável e com boa qualidade de vida para todos, por meio da compreensão de que é necessária a comunicação e o bom acolhimento de pais que tratam seus filhos com igualdade, com vínculos seguros e que os aconselha e orienta para vida ao invés de agredir ou simplesmente desistir.

Outro aspecto importante a ressaltar é que os resultados deste artigo dão espaço a estudos futuros que poderiam complementar e ampliar a validade desses achados, por meio de dados de observações diretas e relatos de pais e filhos que tenham interesse em submeterem-se a uma sensibilização psicológica.

REFERÊNCIAS

ACHENBACH, T. M.; EDELBROCK, C. S. The child behavior profile: II. Boys aged 12-16 and girls aged 6- 11 and 12-16. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, 47 (2):223-233, 1979.

ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: _____. Obras Completas, v.1., Rio de Janeiro: Nova Aguilar, [1881] 1986.

BEE, H. **A Criança em desenvolvimento**. 11.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

BOLSONI-SILVA, A. T.; DEL PRETTE, A.; OISHI, J. Habilidades sociais de pais e problemas de comportamento de filhos. **Revista das Faculdades Padre Anchieta**, Jundiáí-SP, ano V, n.9, abril de 2003. Disponível em: <<http://www.anchieta.br/unianchieta/revistas/argumenta.../argumento09.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2014.

BOLSONI-SILVA, A. T.; PAIVA, M. de; BARBOSA, C. G. **Problemas de comportamento**

de crianças adolescentes e dificuldades de pais cuidadores um estudo de caracterização. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v37n3/04>>. Acesso em: 17 abr. 2014.

BONET, T.; SORIANO, Y.; SOLANO, C.; **Aprendendo com crianças hiperativas.** São Paulo: Cengage Learning, 2008.

CIA, F.; PAMPLIM, R. C. O.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Comunicação e participação pais-filhos** - correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. Paideia, São Carlos-SP, v.16, n. 35, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v37n3/04>>. Acesso em: 22 abr. 2014.

CORDIOLI, A. V. **Psicoterapias:** abordagens atuais. 3.ed. Porto alegre: Artmed, 2008.

FERREIRA, M. de C. T.; MARTURANO, E. M. Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. **Psicologia: reflexão e crítica**, São Paulo, v.15, n.1, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v37n3/04>>. Acesso em: 17 abr. 2014.

KEARNEY, C. A. **Transtornos de comportamentos na infância:** estudo de casos. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

PATTERSON, G. R.; REID, J.; DISHION T. **Comportamento antissocial** (Antisocial boys). Santo André: ESETec Editores Associados, 1992.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia.** 24.ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

PINHEIRO, M. I. S. et al. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, Maringá-PR, v.12, n.2, p.247-256, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a05>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

PINHEIRO, M. I. S. et al. **Treinamento de habilidades sociais educativos para pais de crianças com problemas de comportamento.** 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/prc>>. Acesso em: 17 abr. 2014.

PRATA, E. M. M.; SANTOS, M. A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. Maringá, **Psicologia em Estudo**, v.12, p.247-256, mai/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a05.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2014.

RUTTER, M.; GILLER H.; HAGELL A. **Antisocial behavior by young people:** a major

new review. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

SIDMAN, M.; ANDERY M. A.; SÉRIO T. M. **Coerção e suas implicações**. Campinas: Psy, 1995.

SILVERA, I. T. Sociedade, educação e família. **Revista HISTEDBR on-line**, Campinas-SP, n.22, p.180–193, jun. 2006. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/22/art13_22.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2014.

SIMONS, R. L. et al. Quality of parenting as mediator of the effect of childhood defiance on adolescent friendship choices and delinquency: a growth curve analysis. **Journal of Marriage and Family**, v.63. n.1, p.63-79, fev. 2001. Disponível em: <onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1741-3737.2001.00063.x/abstract>. Acesso em: 10 jul. 2014.

SKINNER, B. **Sobre o behaviorismo**. São Paulo: Cultrix, 1993.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente**. 7.ed., São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2007.

Data do recebimento: 13 de Setembro de 2014

Data da avaliação: 14 de Setembro de 2014

Data de aceite: 16 de Setembro de 2014

1 Graduada em Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – Unit. Atualmente é bolsista de Iniciação Científica PROBIC/FITS. Título do Projeto: Perspectivas Sobre a Sensibilização Psicológica dos Pais de Crianças e Jovens com “Problemas de Comportamento”. E-mail: anakilvia.psic@hotmail.com

2 Orientadora: Profa. Dra. Daniela do Carmo Kabengele. Doutora em Antropologia pela UNICAMP (2012). Pesquisadora-Visitante na University of Texas at Austin, com Bolsa Fulbright (2010/2011). Atualmente, é professora Titular II do Centro Universitário Tiradentes – Unit em Maceió/AL e coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição, com registro aprovado pela CONEP/CNS/MS.
E-mail: danieladecarmo@gmail.com